

Jazz ao Centro

Encontros 1, 2 e 3 Junho

Internacionais de

Jazz de Coimbra

1ª parte

2006

Numa organização da Câmara Municipal de Coimbra e do JACC – Jazz ao Centro Clube, terá lugar nos dias 1, 2 e 3 de Junho a IV edição do “Jazz ao Centro - Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra (1ª Parte)”.

Nesta quarta edição dos Encontros, pretende-se continuar com uma visão pluralista do Jazz contemporâneo, mostrando as suas variadas formas e possibilidades.

Assim, abrem-se as portas do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) para um ensemble multinacional baseado em Lisboa, o **iMi Kollektief**. Este grupo com um excelente disco a estrear nos Encontros, estabelece no nosso país um estimulante compromisso entre composição jazz e improvisação colectiva e individual.

Muito interessante este contraste entre a composição e linguagem hard bop, reafirmada numa formação de saxofone, trompete, vibrafone, contrabaixo e bateria, e uma forte componente de improvisação, por vezes colectiva.

No segundo dia, reafirmando a diversidade, imagem de marca dos Encontros, vão tocar dois trios que se interligam com dois denominadores comuns: o baixista **Ingebrigt Haker Flaten** e o baterista **Paal Nilssen-Love**. Estes são dois dos nomes capitais de uma geração de ouro no novel jazz a norte da Europa, assim como o guitarrista **Raoul Björkhenheim**, que completa o **trio Scorch**, e **Mats Gustafsson**, que fecha o trio **The Thing**.

As músicas destes dois trios são distintas mas complementares: o Scorch é um power trio que alia a energia e rudeza do rock à improvisação do jazz, numa linha evolutiva do trio de Terje Rypdal nos anos 80, e os The Thing estendem à

contemporaneidade a espiritualidade de Don Cherry e Albert Ayler, com um extraordinário saxofonista, o Sueco Mats Gustafsson.

Assim tocam, alternadamente, a guitarra de Raoul e o saxofone de Mats mas também simultaneamente, cruzando com grande interesse dois diferentes universos.

Fecha as noites no TAGV um quinteto Americano elucidativo da evolução da espinha dorsal do jazz, o **Mario Pavone Quintet**.

Pelas suas qualidades como contrabaixista forte e propulsor, compositor de enorme talento, e dono de uma forte personalidade musical, Pavone é justamente apontado como um dos nomes mais fortes no panorama do jazz mainstream moderno e o seu quinteto como tendo a mesma consistência e modernidade que caracterizam, por exemplo, o Dave Holland Quintet.

Os nomes que o acompanham são igualmente distintos, **Tony Malaby**, saxofone tenor, **Steven Bernstein**, trompete (de varas!), **Peter Madsen**, piano, e **Gerald Cleaver**, bateria.

Simultaneamente o Salão Brazil, característico espaço na baixa de Coimbra, irá receber, sempre a partir da meia-noite, uma estreia mundial: o **Ken Vandermark/Adam Lane Quartet**. A estes dois músicos americanos juntam-se dois europeus de renome: o baterista **Paal Nilssen-Love** e o trompetista **Magnus Broo**.

Estas sessões serão gravadas para posterior edição discográfica, em mais uma associação entre o JACC e a Clean Feed.

Complementando o programa dos Encontros, decorrerão dois workshops, em colaboração com o Conservatório de Música de Coimbra e a Escola de Jazz do Instituto Português da Juventude, um concerto didáctico, com entrada livre, destinado aos alunos de várias escolas de Coimbra e público em geral e ainda exposições de fotografia em três diferentes espaços da cidade.

A organização dos Encontros convida-o a participar nesta edição com uma programação pluridisciplinar e diversificada, marcada, desde já, por um grande envolvimento comunitário.

A Câmara Municipal de Coimbra e o JACC - Jazz ao Centro Clube apresentam

Jazz ao Centro, Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra, 2006 (1ª parte) 1, 2 e 3 de Junho de 2006

Concertos

Quinta-feira, 1 de Junho
Teatro Académico Gil Vicente, 21h30

IMI Kollektief

Alípio C Neto [saxofone tenor]
Jean-Marc Charmier [trompete e acordeão]
Els Vandeweyer [vibrafone]
Adam Lane [contrabaixo]
Rui Gonçalves [bateria]

Sexta-feira, 2 de Junho
Teatro Académico Gil Vicente, 21h30

The Thing vs Scorch trio

Mats Gustafsson [saxofones tenor e barítono]
Raoul Björkhenheim [guitarra eléctrica]
Ingebrigt Haker Flaten [contrabaixo e baixo eléctrico]
Paal Nilssen-Love [bateria]

Sábado, 3 de Junho
Teatro Académico Gil Vicente, 21h30

Mario Pavone Quintet

Mario Pavone [contrabaixo]
Tony Malaby [saxofone tenor]
Steven Bernstein [trompete]
Peter Madsen [piano]
Gerald Cleaver [bateria]

1, 2 e 3 de Junho
Salão Brasil (Baixa de Coimbra), 00h00

Concertos inseridos no programa de comemoração do vigésimo aniversário da RUC – Rádio Universidade de Coimbra

Adam Lane / Ken Vandermark Quartet

Ken Vandermark [saxofone tenor]
Magnus Broo [trompete]
Adam Lane [contrabaixo]
Paal Nilssen-Love [bateria]

NOTA: Os concertos no Salão Brasil serão gravados para posterior edição discográfica, com distribuição pela revista "jazz.pt"

Exposições de fotografia

Teatro Académico de Gil Vicente
Salão Brasil
Livraria XM

Programação pedagógica

Concerto Didáctico

Quinta-feira, 1 de Junho
Teatro Académico Gil Vicente, 15h00 [entrada livre]

Workshops

Sábado, 3 de Junho
Conservatório de Música de Coimbra, 15h00

Adam Lane

Sábado, 3 de Junho
Auditório da Escola Secundária José Falcão, 15h00

Alípio Carvalho Neto

Preço dos bilhetes

TAGV

1 dia → 10 Euros
3 dias → 25 Euros

Sócios do JACC / Estudantes

1 dia → 8 Euros
3 dias → 20 Euros

Salão Brasil

1 dia → 7 Euros

Sócios do JACC / Sócios da RUC / Estudantes

1 dia → 5 Euros



iMi Kollektief

Alípio Carvalho Neto (saxofone tenor), Elsa Vandeweyer (vibrafone), Jean-Marc Charmier (trompete, fliscórnio, acordeão), Adam Lane (contrabaixo) e Rui Gonçalves (bateria), integram o iMi Kollektief, formação que toca jazz moderno, de recorte melódico e contrapontual. O som fluiu naturalmente, circula de uns para outros como que por osmose, é filtrado, resumido e ampliado. Em actuação ao vivo, o grupo possui uma presença especial e dá particular atenção às nuances e pormenores na exposição, articulando-se conjuntamente como um verdadeiro e original colectivo.

A música do iMi tem vários parentescos visuais e sonoros. Marcada por uma interessante coolness actual, tingem-se de classicismo e modernidade. Partindo de composições originais de Alípio Carvalho Neto, Elsa Vandeweyer e Jean-Marc Charmier, o quinteto opera uma interessante síntese de planos e propósitos de depuração sonora. O que em nada prejudica o desenvolvimento dos conceitos, que progridem numa multiplicidade de direcções, na procura consequente do ponto de equilíbrio entre o grande plano e o ínfimo detalhe.

Aguardam-se com curiosidade os jogos harmónicos e as interacções tímbricas e tonais, a par de ousados contrastes e aproximações, que potenciam a liberdade de expressão dentro de cada tema, com mudança de papéis em cada composição, alternando posições de solo e acompanhamento. Os solos funcionam como extensões dos temas originais de Alípio, Elsa e Jean-Marc, e reflectem tanto a idiosincrasia própria de cada um dos compositores, como as diferentes culturas e origens geográficas. Neste sentido, a música do iMi tem muito de arquitectura do momento, invenção de formas fantásticas apoiadas em sólidas colunas de sustentação, segundo as leis da harmonia, melodia e ritmo, convenientemente adaptadas e reconfiguradas, algo que o iMi faz muito bem e diferente de outros grupos contemporâneos.

Elsa Vandeweyer, jovem vibrafonista belga, impressiona pelo sentido rítmico e harmónico e capacidade de criar climas propícios

aos voos picados e rasantes do saxofone tenor de Alípio C. Neto, e ao contrastante lirismo metálico de Jean-Marc Charmier. Ambos com costela de bons sopradores (Charmier também toca acordeão), Alípio e Jean-Marc transportam a chama para o centro de operações, agora reforçado com a inclusão de Adam Lane, contrabaixista norte-americano que na primeira parte da edição de 2005 dos Encontros de Jazz de Coimbra dirigiu a JACC Workshop Orchestra, e que também actuará em quarteto com Ken Vandermark nas sessões after-hours desta edição do Jazz ao Centro.

Em síntese, o iMi Kollektief propõe-se apresentar um jazz progressivo, emocionalmente rico, conciso e eficaz.



The Thing vs Scorch trio



O quarteto The Thing vs Scorch trio é uma relativa surpresa para quem conheça as mais recentes movimentações do jazz nórdico. Corresponde à “fusão” de dois dos trios mais activos do jazz europeu: The Thing, do saxofonista sueco Mats Gustafsson, em que participam os noruegueses Ingebrigt Håker Flaten (contrabaixo) e Paal Nielsen Love (bateria); e o Scorch Trio, do guitarrista finlandês Raoul Bjorkenheim com a mesma “secção rítmica”. Com a mesma base rítmica, as duas formações diferem quanto ao “homem do meio”. Musicalmente, têm todo um património estético e cultural em comum.

Mats Gustafsson (Suécia, 1964), há muito que se estabeleceu com um dos nomes mais carismáticos da cena sueca.

Inspirado no trabalho do saxofonista Lars Göran Ulander, do pianista Per Henrik Wallin, e no trio Lokomotiv Konkret, veio posteriormente a trabalhar com Sten Sandell e Raymond Strid, encontro que contribuiu para expandir os seus horizontes, através

do trio Gush. Com o guitarrista Christian Munthe, formou o duo Two Slices of Acoustic Car, outro importante meio de expansão da linguagem do saxofone, que prosseguiu nos encontros com Sven-Åke Johansson, Paul Lovens e outros expoentes da free music euro americana, entre os quais, e mais relevantes, se contam Peter Brötzmann, Evan Parker, Barry Guy e Ken Vandermark.

O guitarrista Raoul Bjorkenheim, que se deu a conhecer na viragem dos



anos 80 para a década seguinte, ao lado de Edward Vesala e do grupo Krakatau, possui um lado rocker que lhe cai a matar. Comparações com o norte americano Nels Cline são hoje correntes e reflectem a mesma e comum afeição pela arte de grandes guitarristas do passado recente, como Jimi Hendrix, McLaughlin ou James Blood Ulmer. Bjorkenheim cultiva um som cheio e poderoso, focado em aspectos particulares do trabalho sobre as seis cordas, algo de muito sólido e explosivo na disciplina do trio de guitarra.

Ingebrigt Håker Flaten (Noruega, 1971) posiciona-se hoje como uma das figuras mais importantes do contrabaixo no jazz nórdico. Na última década, tem participado em grupos como os Atomic, The Thing, Scorch Trio, School Days, The Electrics, Free Fall, para citar apenas os de maior impacto. Contrabaixista original, Håker Flaten é muito procurado por artistas internacionais, como Chris Potter, Paul Lytton, Tony Oxley ou Joe McPhee.

Aos 20 anos já era um baterista com reputação em toda a Noruega. Paal Nielssen-Love tocou com Frode Gjerstad e com os suecos Sten Sandell e Mats Gustafsson; passou a um regime de actividade intensiva, a solo ou em grupos, e cultiva a liberdade e rigor rítmicos que expõe em formações tão diferentes como Atomic, School Days, The Thing, Frode Gjerstad Trio, Sten Sandell Trio, Scorch Trio, Territory Band e FME. Inovador e versátil, Paal Nielssen-Love é um dos grandes bateristas europeus da actualidade.

O que se espera da actuação do quarteto ad-hoc The Thing vs. Scorch Trio, é uma música híbrida pós-fusão e pós free, com incidência no trabalho de reciclagem de memórias, processadas num idioma complexo que, indo buscar muita da sua energia, crueza e vitalidade ao rock, continua a ser jazz na sua essência libertária, no sentido pós coltraneano da expressão. Predomina a tensão entre fúria e pacificação, expressa nas ardências de saxofone e guitarra, alternadas com movimentos de sentido inverso, dando ocasionalmente lugar a um tipo incomum de lirismo introspectivo. É desta tensão dialéctica que irá resultar um dos mais interessantes desafios para o ouvinte. Convém apertar bem o cinto de segurança.

Mario Pavone Quintet



O contrabaixista norte-americano Mario Pavone (n. 1940) iniciou a sua carreira nos anos 60. Estudou e tocou com grandes mestres, como Bertram Turetzky e Paul Bley (1968-72). Influenciado por Charles Mingus, anos mais tarde Pavone viria a fazer parte do movimento Loft de Nova Iorque, período durante o qual tocou intensamente com Archie Shepp, Anthony Braxton e outros grandes criadores musicais.

Nos anos 80, mudou-se para o Connecticut, estudou em Yale e na Wesleyan, período em que colaborou com Jane Ira Bloom, Ray Anderson, Anthony Davis, Gerry Hemingway, Mark Helias, Pharoah Ak Laff, Leo Smith, Bill Dixon e muitos outros.

De volta à Downtown de Nova Iorque, iniciou uma frutuosa colaboração com o Thomas Chapin Trio (1990-97), formação com a qual gravou sete álbuns. Data dessa época o aprofundamento do seu percurso enquanto líder de vários combos de jazz, corolário de uma carreira que em 2005 comemorou o 40.º ano de actividade.

A música de Mario Pavone é simultaneamente simples e complexa. Complexa, na sua intrincada estruturação rítmica e harmónica; simples, nas linhas angulosas do seu desenho melódico e na forma aberta e expansiva da sua escrita, propícia a rasgar amplos espaços para a improvisação colectiva.

Em palco ou em disco, a música de Pavone é imediatamente reconhecível nas linhas de baixo de forte marcação, com e sem swing, e no groove impressionante, características que o elevam ao estatuto de um dos grandes compositores do jazz contemporâneo, frequentemente citado pela crítica internacional como um dos maiores instrumentistas, compositores e improvisadores norte-americanos – o contrabaixista que levou a arte de Charles Mingus mais além.

Desde o desaparecimento de Thomas Chapin, em 1998, que Mario Pavone se tem dedicado à direcção dos seus próprios grupos. Gravou extensivamente com sidemen da valia de Steven Bernstein, Gerald Cleaver, Dave Douglas, Peter Madsen, Tony Malaby, Joshua

Redman, George Schuller, Michael Sarin, Craig Taborn e Matt Wilson, actividade que tem mantido em paralelo com a leccionação, a organização do Litchfield Jazz Festival, e a direcção do Litchfield Summer Jazz Music Institute, no Connecticut, EUA.

Coimbra tem agora a oportunidade soberana de assistir a um concerto do Mario Pavone Quintet. Fiel à tradição de se fazer acompanhar por grupos de excelência, unidades totalmente preparadas para a progressão rápida e fortemente sincopada, que é também a marca de água dos seus grupos, desta vez o quinteto de Mario Pavone inclui um punhado de músicos da melhor extracção norte-americana dos últimos anos: Tony Malaby, saxofone tenor; Steven Bernstein, trompete; Peter Madsen, piano; e Gerald Cleaver, bateria.

Adam Lane e Ken Vandermark Quartet

Para actuar nas sessões after hours dos dias 1, 2 e 3 Junho, no Salão Brasil, sempre à meia-noite, está agendado um quarteto all star composto pelos norte-americanos Ken Vandermark (saxofone tenor) e Adam Lane (contrabaixo), e pelos nórdicos Magnus Broo (trompete) e Paal Nilssen-Love (bateria).

O saxofonista norte-americano Ken Vandermark é bem conhecido nos palcos portugueses. Já por cá actuou com o AALY Trio, do sueco Matts Gustaffson (The Thing) no Festival "Jazz em Agosto" da Fundação Calouste Gulbenkian; com o Vandermark 5 e a Territory Band, em Guimarães; com o trio de free-funk Spaceways Incorporated, no CCB; e o trio Tripleplay no Teatro Maria Matos, em Lisboa – alguns dos projectos que tem mantido activos nos últimos anos. Ponto alto viria a ser a actuação do saxofonista em Coimbra, quando, em 2003, participou na primeira edição dos Encontro Internacionais de Jazz à frente do trio LKV, com Kent Kessler e Paul Lytton.

Personalidade de primeiro plano no jazz actual, agraciado com a MacArthur



Fellowship em 1999, Ken Vandermark tem sido uma das principais forças impulsionadoras dos movimentos de renovação do jazz, acrescentando novas possibilidades formais e expressivas a um género tantas vezes dado como esgotado. Vandermark tanto dá largas à faceta classizante de herdeiro da tradição de Chicago, como exhibe uma segunda pele, mais exploratória e inventiva, que tanto lhe permite enveredar pelo swing mais irresistível ou abrir caminhos ainda por explorar. Numa ou noutra prática, são comuns os arranjos complexos e a variabilidade rítmica e harmónica.

Nascido em 1968, em Nova Iorque, Adam Lane é um contrabaixista da nova geração de improvisadores com muita escolarização e ampla rodagem, feita com os maiores do seu ofício e das artes da composição, entre os quais Anthony Braxton e Wadada Leo Smith. O seu som combina múltiplas referências: uma forte ligação à terra, que vai buscar a Charles Mingus, e a qualidade orquestral e de arranjo que lhe vem à pena inspirada em Duke Ellington e na escola europeia. O jovem Adam Lane tem no esbater das convenções do jazz e da música de câmara uma das suas principais e intrínsecas características.

Omnívoro no gosto enquanto ouvinte, notam-se em Adam Lane hábitos de escuta diversos, que vão do rock à clássica

contemporânea. Entre S. Francisco e Nova Iorque, nesta fase da sua carreira não tem mãos a medir com projectos musicais e gravações de discos. Bob Rusch, produtor da CIMP, produziu discos da Full Throttle e dos combos liderados por Lane, com os veteranos John Tchicai, Paul Smoker e Barry Altschul. Com este contrabaixista dentro de casa não há pormenor, subtileza tímbrica ou harmónica que se perca.

Completam o quarteto, o sueco Magnus Broo e o baterista norueguês Paal Nilssen-Love, que actua nesta edição do Jazz ao Centro com o quarteto Scorch Trio vs The Thing, e é um dos grandes bateristas europeus da actualidade. O primeiro é um trompetista imaginativo com um estilo próprio, som cheio e potente. Depois de um longo período como sideman na Fredrik Norén Band, ultimamente Broo tem dividido o tempo entre os seus próprios grupos e formações como o Brötzmann Tentet ou o Fredrik Nordström Quintet.

Organização | Produção



Apoios Institucionais



Ficha Técnica

Organização | Produção

Câmara Municipal de Coimbra
JACC – Jazz ao Centro Clube
Trem Azul

Direcção Geral

Pedro Rocha Santos

Direcção Artística

Pedro Costa

Apoio à Produção

Divisão de Acção Cultural CMC

JACC

Pedro Rocha Santos

Daniel Sequeira

António Baía

Francisco Neves

Rui Paulo Simões

Direcção Pedagógica

Rui Paulo Simões

Serviços Técnicos

TAGV

José Balsinha [coordenação]

Mário Henriques [sonoplastia]

Melânia Ramos [luminotecnia]

Pedro Dias da Silva [frente de casa]

Teresa Santos [serviços artísticos]

Registo Áudio

Luís Delgado

Registo Vídeo

ESEC – TV

Cartaz

Rui Garrido

Programa

Inês Matos [design gráfico]

Eduardo Chagas [textos]

Nuno Martins [foto Adam Lane]

João Henriques [foto Ken

Vandermark]